

ARTHUR AZEVEDO & URBANO DUARTE

O ESCRAVOCRATA

PEÇA ORIGINAL BRAZILEIRA

EM TRES ACTOS

LIVRARIA

— DE —

J. J. de Souza Peixoto
93 Rua de S. José 93

COMPRA E VENDE
LIVROS NOVOS E USADOS

Encontra-se nesta casa por modicos preços,
grande sortimento de livros, tanto collegiaes como
de litteratura, sciencias, etc., etc.

RIO DE JANEIRO.

Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

18,00

O ESCRAVOCRATA

DRAMA EM 3 ACTOS

TYP. A. GUIMARÃES & C. — R. do General Camara n. 22

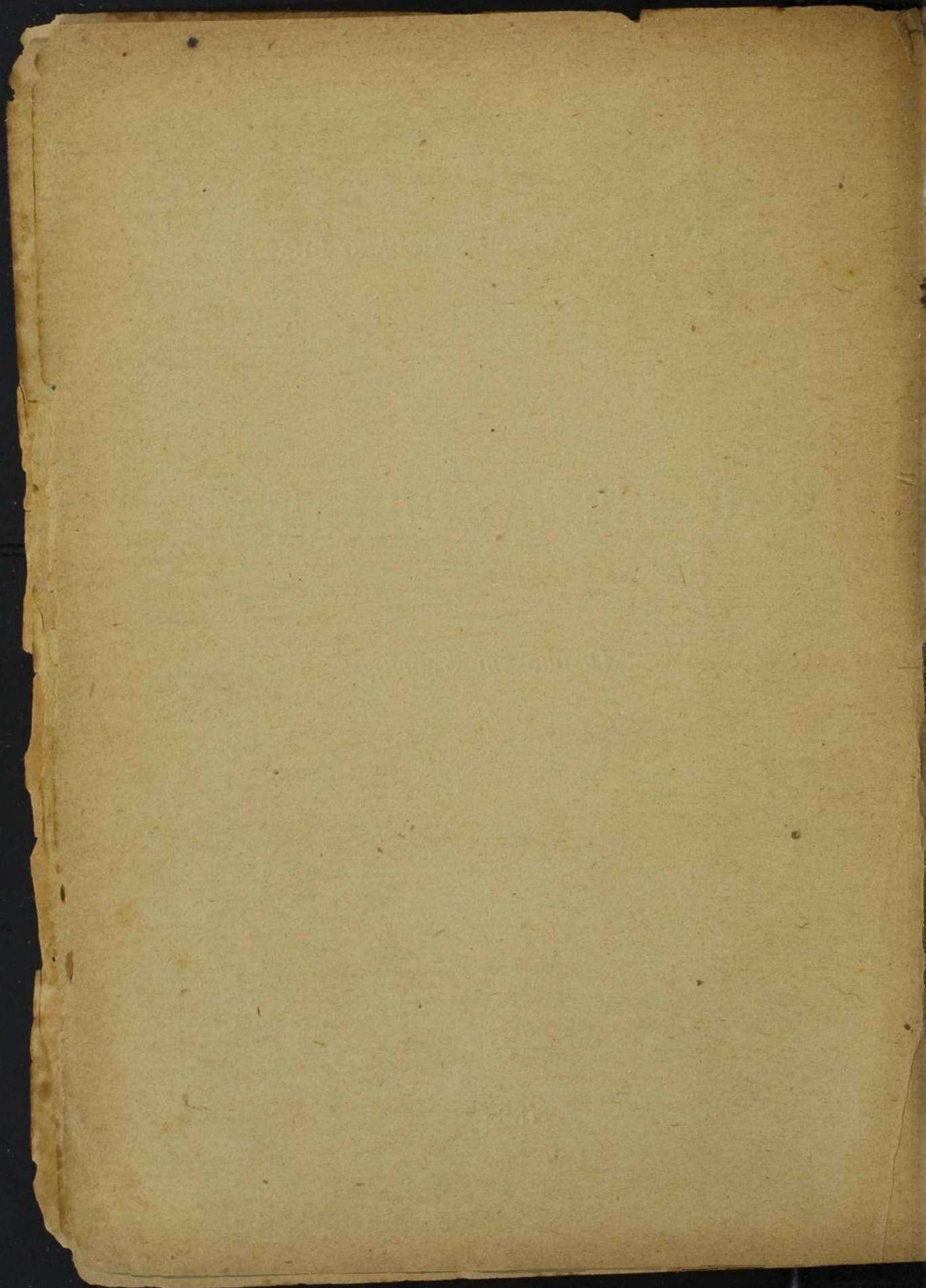
ARTHUR AZEVEDO & URBANO DUARTE

O ESCRAVOCRATA

Drama em 3 actos.

RIO DE JANEIRO

—
1884



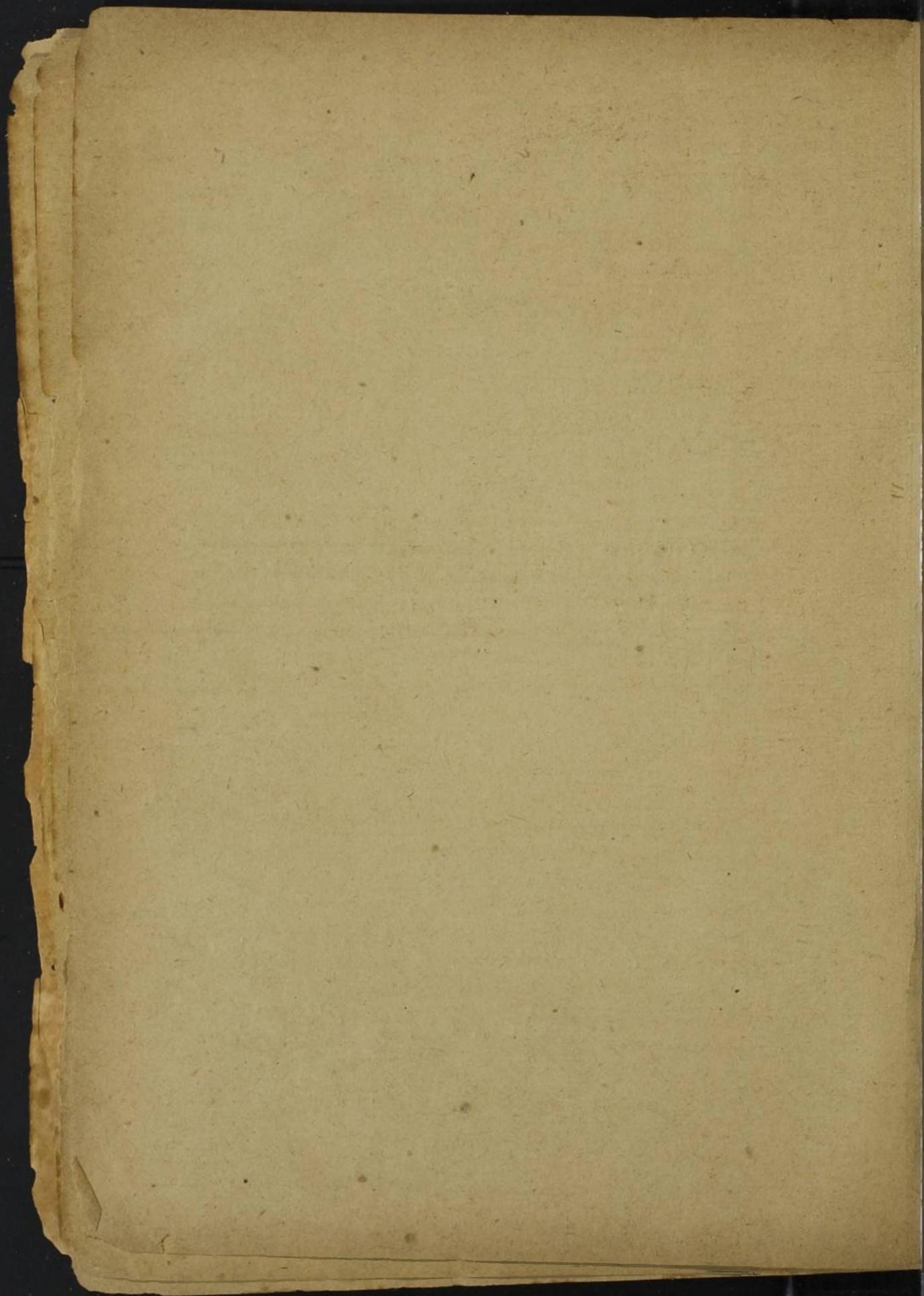
A

Alfredo Bastos

Off.

Os seus sinceros e saudosos amigos

A. A. & U. D.



PRODROMO

O ESCRAVOCRATA, escripto ha dous annos e submettido á approvação do Conservatorio Dramatico Brasileiro sob o titulo A FAMILIA SALAZAR, não mereceu o indispensavel—placet—. Embora não trouxesse o manuscripto nota alguma com declaração dos motivos que ponderaram no animo dos illustres censores, para induzil-os á condemnação do nosso trabalho, somos levados a crer que essa propria mudez significa —offensa á moral—, visto como só nesse terreno legisla e prepondera a opinião litteraria daquella instituição.

Resolvemos então publical-o, afim de que o publico julgue e pronuncie.

Sabemos de ante-mão quaes os dous pontos em que a critica poderá attacal-o: immoralidade e inverosimilhança. Conhecendo isso, sangramo-nos em saude.

O facto capital da peça, pião em volta do qual gyra toda a acção dramatica, são os antigos amores de um mulato escravo, cria de estimação de uma familia burgueza, com a sua senhora, mulher nevrotica e de imaginação desregrada; desta falta resulta um filho, que, até aos vinte e tantos annos de idade, é considerado como si legitimo fosse, taes os prodigios de dissimulação postos em pratica pela mãe e pelo pae escravo, afim de guardarem o terrivel segredo.

Bruscamente, por uma serie de circumstancias imprevistas, desvenda-se a verdade ; precipita-se então o drama violento e rapido, cujo desfecho natural é a consequencia rigorosa dos caracteres em jogo e da marcha da acção.

Onde é que se acha o immoral ou o inverosimil ?

As relações amorosas entre senhores e escravos foram e são, desgraçadamente, factos communs no nosso odioso regimen social; só se surpreenderá d'elles quem tiver olhos para não ver e ouvidos para não ouvir.

Si a cada leitor em particular perguntássemos si lhe occorre á memoria um caso identico ou analogo ao referido no ESCRAVOCRATA, certos estamos de que elle responderia affirmativamente.

A questão de moralidade theatral e litteraria diz respeito tão somente á forma, á linguagem, á factura, ao estylo. Si os moralistas penetrassem na substancia, na medulla das obras litterarias, de qualquer epoca ou paiz que sejam, de lá voltariam profundamente escandalizados, com as rosas do pudor nas faces incendidas, e decididos a lançar no—Index—todos os autores dramaticos passados, presentes e futuros.

Repetir estas coisas é banalidade; ha, porem, pessoas muito illustradas, que só não sabem aquillo que deveriam saber.

Seria muito bom que todas as mulheres casadas fossem fieis aos seus maridos, honestas, ajuizadas, lymphaticas, e que os adulterios infamantes não passassem de phantasias perversas de dramaturgos atrabiliarios ; mas infelizmente assim não succede, e o bipede implume commette todos os dias monstruosidades que não podem deixar de ser processadas neste supremo tribunal de justiça—o theatro.

Não queremos mal ao Conservatorio ; reconhecemos o seu direito, e curvamos a cabeça. Tanto mais que nos achamos plenamente convencidos de que, á força de empenhos e de argumentos, alcançaríamos a felicidade de ver o nosso drama á luz da ribalta. Mas esses tramites seriam tão demorados, e a idéa

aboliconista caminha com desassombro tal, que talvez no dia da primeira representação do ESCRAVOCRATA já não houvesse escravos no Brazil. A nossa peça deixaria de ser um trabalho audacioso de propaganda, para ser uma mediocre especulação litteraria. Não nos ficaria a gloria, que ambicionamos, de haver concorrido com o pequenino impulso das nossas pennas para o desmoronamento da fortaleza negra da escravidão.

A. A. & U. D.

Janeiro de 1884.

PERSONAGENS

SALAZAR, negociante de escravos.
GUSTAVO, seu filho.
LOUBENÇO, seu escravo.
SERAFIM, ex-socio do Club Abolicionista Pae Thomaz.
DOUTOR EUGENIO, medico.
SEBASTIÃO, socio de Salazar.
EVARISTO, feitor da fazenda do Pouso Alto.
Um comprador de escravos.
Um credor.
Um caixeiro.
JOSEPHA, irman de Salazar.
GABRIELLA, mulher de Salazar.
CAROLINA, sua filha.

Tres mulatas bahianas, escravos.

A scena passa-se no Rio de Janeiro.

O ESCRAVOCRATA

ACTO PRIMEIRO

Escriptorio em uma casa de alugar escravos. A' esquerda secretária; á direita sofá sobre o qual está um numero do *Jornal do Commercio*; cadeiras. Porta ao fundo e á esquerda. Encostadas á parede do fundo, á esquerda, uma trouxa e uma esteira suja enrolada.

SCENA PRIMEIRA

SALAZAR, depois UM CAIXEIRO.

Salazar escreve por algum tempo, sentado á secretária; toca o tympano; entra um caixeiro.

O CAIXEIRO, *da esquerda alta.*

Prompto!

SALAZAR.

Levou os negros á policia?

O CAIXEIRO.

Sim, senhor; já estão de volta.

SALAZAR.

Bem. Seguem para cima amanha no expresso das quatro horas e meia. A's tres em ponto o senhor deverá estar de pé, afim de poder achar-se na Estação ás quatro. São quarenta e quatro cabeças, incluindo o Lourenço. Tome lá. Vá á minha casa, e entregue este bilhete a minha mulher. Ella deve entregar-lhe o Lourenço, e o senhor o reunirá ao lote de escravos que vae embarcar. (*Levantando-se, passa á direita.*) Resolvi desfazer-me daquelle tratante, haja o que houver, e nada me demoverá deste proposito. Póde ir. (*O caixeiro sae pelo fundo.*)

SCENA II

SALAZAR, SEBASTIÃO.

SEBASTIÃO, *da esquerda alta.*

Possuimos a melhor fazenda que existe actualmente no mercado do Rio de Janeiro; não achas, Salazar ?

SALAZAR, *sentando-se no sofá.*

Gente superfina. Os nossos committentes do norte capricharam desta vez. Só a renque da creoulada vale vinte e cinco, alto e mau, de

olhos fechados. E' para fazer agua na bocca ! Há pouco, quando o lote passava na rua, o Arruda da Prainha lançou-lhe um olhar de sete palmos e meio. E' só para os moer !

SEBASTIÃO.

O Arruda nunca recebeu nem receberá uma partida de negros como esta, que veio pelo *Ceará*.

SALAZAR.

Não ha um só alcaide. Gente limpa, escoreita, moça, reforçada, e docil que faz gosto. Só do *Ceará* nos vieram dez creoulos retintos, que valem o seu pezo em ouro. Si tu não os venderes a vinte e cinco ou trinta dias, não te chamarás Sebastião de Miranda, o famoso negreiro fluminense, socio e amigo intimo de Pedro Salazar, negociante de grosso trato e fazendeiro sem hypothecas.

SEBASTIÃO.

Sim, espero fazer bom negocio. Por fóra a gente é de primeira qualidade, não ha dúvida, mas por dentro !— Quem é que pôde lá conhecer mazellas de negro ? Negro é bicho do diabo, Salazar ! A's vezes estão cheios de mo-

lestias occultas, que só confessam quando lhes faz conta.

SALAZAR.

Nem tanto! Pois hão de illudir os medicos?

SEBASTIÃO.

Ora os medicos, os medicos! Por cinco mil réis de mais ou de menos, fazem a inspecção conforme queremos.

SALAZAR.

Negro não tem licença para estar doente. Em quanto respira, ha de poder com a enxada, quer queira, quer não.

SEBASTIÃO.

De accordo, mas hoje anda ahi em moda tratál-os bem... com humanidade... não sei que mais...

SALAZAR.

Tolices! Humanidade para negro! Para molestia de negro ha um remedio supremo, infallivel e unico: o bacalhau. Dêem-me um negro moribundo e um bacalhau, que eu lhes mostrarei si o não ponho lepido e lampeiro com meia duzia de lambadas!

SEBASTIÃO.

Perfeitamente de accordo. Mas, quer queiramos, quer não, temos de contemporisar com essas idéas.... Os taes senhores abolicionistas....

SALAZAR, *erguendo-se e descendo ao proscenio.*

— Pscio ! Não me falles nessa gente, pelo amor de Deus ! Só o nome dessa cafila de bandidos, que ultimamente me têm feito perder mais de oitenta contos, irrita-me de um modo incrível !

SEBASTIÃO.

Tambem a mim. Regra geral e sem excepção : sujeito que nada tem a perder e não sabe onde cahir morto, declara-se abolicionista.

SALAZAR.

Eu vou mais adiante : sujeito que tentou sem resultado todos os empregos, profissões e industrias, e em nenhum conseguiu reputação ou fortuna, por ser incapaz, indolente, prevaricador ou estúpido, arvora-se por ultimo em abolicionista, para ver si deste modo segura os pirões.

SEBASTIÃO.

E com que desprezo nos chamam de escravocratas ! Dizem que negociamos em carne humana, quando são elles que traficam com a boa fé dos papalvos, e lhes vão limpando as algibeiras, por meio de discursos e conferencias !

SALAZAR.

Exploram o elemento servil pelo avesso, sem os percalços do officio. Ao menos nós damos aos negros casa, cama, comida, roupa, botica e bacalhau.

SEBASTIÃO.

Principalmente bacalhau. Porque o negro, sem elle, é uma utopia ! (*Indo examinar uns papeis á secretária.*) Recebeste hoje carta do Evaristo ?

SALAZAR, *no proscenio.*

Sim ; a safra promette ser excellente. Quatro mil arrobas de primeira. Tudo na melhor ordem.

SEBASTIÃO.

Com um administrador como o Evaristo, vale a pena ser fazendeiro. E' o nosso *factotum* !

SALAZAR.

Honesto, activo, fiel; longa practica do eito, e chicote sempre na mão!

SEBASTIÃO.

Basta que visitemos uma ou duas vezes por anno a nossa fazenda do Pouso Alto, para que as coisas nos corram sem novidade. (*Salazar desce ao proscenio.*) Mas então levo ou não levo o Lourenço?

SALAZAR.

Sem dúvida; desta vez elle não escapa. Irra! que já ando aborrecidissimo com aquella peste! Preciso descartar-me delle, opponha-se quem se oppozer! Nada me enraiveee mais que ver um negro emproado! Já por diversas vezes tenho querido tirar-lhe a proa com uma surra mestra; mas minha mulher, minha filha e meu filho mettem-se de permeio, e fazem-me uma choradeira de todos os diabos!

SEBASTIÃO.

Pois ainda és desse tempo? Attendes a supplicas de familia, quando se trata de surrar negro?

SALAZAR.

Pois si elles sempre se collocam em sua frente para defendel-o ?! Ainda ante-hontem, minha mulher quasi apanhou uma lambada que era destinada ao Lourenço ! Protege-o escandalosamente, allegando ser elle cria da familia, e não sei mais o que...E ha vinte e cinco annos, desde o meu casamento, que aturo as insolencias d'aquelle patife ! Leva a ousadia ao ponto de não abaixar a vista quando falla commigo ! Oh ! mas desta vez vendo-o definitivamente !

SCENA III

Os mesmos, SERAFIM.

SERAFIM, da porta do fundo.

O senhor Pedro Salazar ?

SALAZAR.

Que deseja, senhor ? *(Serafim entrega-lhe uma carta.)*

SEBASTIÃO, aparte, examinando Serafim.

Que typo ! Policia secreta, flor da gente, ou poeta ! *(Vae sentar-se no sofá e lê o Jornal do Commercio.)*

SALAZAR, *depois de ler a carta.*

Serafim Pechincha é o senhor ?

SERAFIM.

Em carne e osso.

SALAZAR.

O compadre Ribeiro escreve-me : (*Lé.*) «O portador é o senhor Serafim Pechincha, moço filho de uma boa familia provinciana, o qual se acha desempregado e reduzido á expressão mais simples. Parece ser activo ; é intelligente. Vê si o podes occupar em algum serviço.»

SERAFIM.

Redacção simples, mas eloquente !

SALAZAR.

A recommendação do compadre Ribeiro é muito valiosa ; porem, creio, não estranhará que eu procure saber das suas habilitações e precedentes. E' natural... não acha ?

SERAFIM.

Naturalissimo.—Julgo do meu dever fallar-lhe com toda a franqueza, para que me fique conhecendo, e depois não diga que sim, mas que tambem... Eu cá sou despachado.

SEBASTIÃO, *aparte.*

A linguagem não é de policia secreta.

SALAZAR.

Diga.

SERAFIM.

Começo por declarar que sou um typo arre-
bentado.

SALAZAR.

Arrebentado ?

SERAFIM.

Arrebentadissimo. Consta-me, por informa-
ções de terceiro, que pertenco a uma boa fa-
milia provinciana, ao que, aliás, não ligo muito
credito.

SALAZAR.

Como assim ?

SEBASTIÃO, *aparte.*

Flor da gente com certeza !

SERAFIM, *a Salazar.*

E' verdade ; não tenho a mais vaga reminis-
cencia de pae nem de mãe. Cuido mesmo que
já nasci orpham. Oh ! triste sina ! (*Procura o*

lenço e não o acha; limpa uma lagrima á aba do paletot.) Quando ha tempos o principe Natureza dissertou sobre o choque de pae e mãe, senti que o coração se me delacerava de saudades.

SEBASTIÃO, *aparte.*

Agora parece poeta.

SALAZAR.

Mas não tem parente algum ?

SERAFIM.

La chegarei... gosto de ir por partes... Aos dez annos, tenho lembrança de que um tio nos metteu, a mim e a dous irmãos, em uma especie de collegio na rua de S. Diogo.

SALAZAR.

Mas até os dez annos ? De nada se recorda ?

SERAFIM.

De nada absolutamente. Parece-me que nasci com dez annos.

SALAZAR.

E' celebre !

SERAFIM.

Celeberrimo ! Mas todo eu sou celeberrimo ! Como dizia, metteram-me no collegio, a mim,

ao Chico e ao Cazuza. Ahi estivemos tres annos, durante os quaes passámos fome de cachorro. O director era mais sovina que grosseiro, e mais estúpido que sovina e grosseiro. Um bello dia nós, não podendo supportal-o, tramámos uma conspiração, applicámos-lhe uma coça de marmeleiro, e fugimos do collegio.

SALAZAR, *aparte*.

Bom precedente !

SERAFIM.

Dahi em diante a minha vida tem sido um romance.... sem palavras. Quem lhe dera, senhor Salazar, possuir de contos de réis os dias em que não tenho comido ! (*Gesto de Salazar.*) Não se admire disto ! não me peja dizer a verdade nua e crua ..Eu sou um typo arrebentado. Ha dias em que acredito mais no balão Julio Cesar do que n'uma nota de quinhentos réis ! Tenho tentado todos os empregos : fui manipulador de cigarros durante dous mezes, exerci o nobre mister de testa de ferro, fiz-me cambista, redactor do *Incendiario*, e até representei no theatro...

SEBASTIÃO, *vivamente*.

Ah ! foi comico ?

SERAFIM.

Não, senhor : fiz uma das pernas do elephante do *Ali-Babá*, na Phenix.

SALAZAR.

Mas que fim levaram seus irmãos ?

SERAFIM.

Ah ! esses foram mais felizes que eu ;
Arranjaram-se perfeitamente.

SALAZAR.

Estão empregados ?

SERAFIM.

Ou coisa que o valha : o Chico metteu-se
no Hospicio de Pedro II.

SALAZAR.

Como enfermeiro ?

SERAFIM.

Como doido.

SALAZAR.

Enlouqueceu ?

SERAFIM.

Qual ! teve mais juizo que eu ; cama,
mesa, medico, uma ducha de vez em quando

para refrescar as idéas, e uma camisola para o frio. Afinal, é um meio de vida como outro qualquer !

SALAZAR, *surprezo.*

E o... ? Como se chama ?

SERAFIM.

O Cazuza ? (*Assobia.*) Um finorio ! Tantos empenhos metteu, que conseguiu um logar no Asylo da Mendicidade.

SALAZAR.

Ah !... como inspector de turma ?

SERAFIM.

Qual inspector ! qual turma ! Como mendigo !

SEBASTIÃO, *aparte.*

E' um typo unico !

SERAFIM.

Vive hoje muito tranquillo e satisfeito a desfiar estopa. Estão ambos arrançados : eu é que ainda não criei juizo, e vivo ao Deus dará !

SALAZAR.

Por que não se torna abolicionista ?

SERAFIM, *recuando indignado e tomando uma attitude theatral.*

Senhor João Salazar...

SALAZAR.

Pedro... Pedro, si me faz favor...

SERAFIM.

Senhor Pedro Salazar! creio que todas as miserias que acabei de lhe relatar não o auctorisam a cuspir-me em face tal injuria! Sou um typo arrebetado, mas, graças a Deus, ainda não descí tão baixo!

SALAZAR.

Então odeia...?

SERAFIM.

Os abolicionistas? Não os odeio: desprezo-os!

SEBASTIÃO, *levantando-se enthiasmado e apertando-lhe a mão.*

Toque!

SALAZAR.

Toque! (*Serafim tem cada uma das mãos apertadas por cada um dos socios.*) De hoje

em diante póde considerar-se empregado de Salazar & Miranda !

SEBASTIÃO.

Entende alguma coisa do negocio ?

SERAFIM.

Pouco, mas —modestia á parte — sou muito inteligente. Com qualquer coisa, me ponho em dia... Si me dessem uma explicação sum-maria...

SEBASTIÃO.

Pois não... agora mesmo... (*Tomando-lhe o braço.*) Venha commigo...

SERAFIM, *sahindo, aparte.*

Que dirão os meus collegas do Club Abolicionista Pae Thomaz ? ! (*Sebastião sae com Serafim pela esquerda alta.*)

SCENA IV

SALAZAR, GUSTAVO.

SALAZAR, *só.*

Desta gente é que eu preciso !

GUSTAVO *entra do fundo amarrotando um jornal que tem na mão.*

Sacripantes ! Safardanas ! Leia isto, meu pae, veja si o infame mofineiro que publicou este aranzel contra Vm. e a nossa familia, não merece que se lhe corte a cara a vergalho ! Leia isto !

SALAZAR.

Não, não leio ! Apesar de não ligar a minima importancia ao grasnar desses miseraveis gazetilheiros, que só andam á cata de quem os compre, as suas verrinas deixam-me n'uma irritação nervosa, que metira o appetite. Ah ! si eu pilhasse os taes abolicionistas todos no eito !

GUSTAVO.

Quem sabe ? Póde ser que um dia...

SCENA V

Os mesmos, LOURENÇO, O CAIXEIRO.

CAIXEIRO.

Cá está o mulato.

SALAZAR, *a Lourenço.*

Prepara a tua trouxa ; tens que seguir amanha para cima.

LOURENÇO, *fita-o e depois diz pausadamente.*

Mais nada ?

SALAZAR, *furioso.*

Mais nada ! Desavergonhado ! Patife ! Cão !
Puxa já daqui !

LOURENÇO.

Não lhe quiz faltar ao respeito... Este é o
meu modo de fallar.

SALAZAR.

Modo de fallar ! Pois negro tem modo de
fallar ? Quando estiveres em minha presença,
abaixa a vista, ladrão ! (*Lourenço não lhe obe-*
dece.) Abaixa a vista, cachorro ! Corto-te a
chicote si o não fizeres ! (*Lourenço conserva-se*
imperturbavel. Salazar avança com um chi-
cote, mas Gustavo o contém.)

GUSTAVO.

Peço por elle, meu pae ! Lourenço é um es-
cravo docil e obediente. (*A Lourenço, com*
brandura.) Abaixa a vista, Lourenço. (*Lou-*
renço obedece.) Ajoelha-te ! (*Idem.*) Pedes hu-
mildemente perdão a meu pae de lhe não
haveres obedecido incontinenti.

LOURENÇO.

Peço humildemente perdão a meu senhor...

SALAZAR.

Puxa daqui, burro! (*Lourenço sae.*)

SCENA VI

SALAZAR, GUSTAVO.

GUSTAVO.

Vae mandal-o para fóra?

SALAZAR.

Definitivamente. Escusam de pedir-me. Cada vez tem menos vergonha! E' uma peste!

GUSTAVO.

Nem tanto. Apesar da ogerisa e do desprezo que tenho por tudo quanto me cheira a negro captivo, conservo alguma estima pelo Lourenço.

SALAZAR.

As taes amizades de senhor moço! Vio-te nascer, trouxe-te ao collo, etc., etc... Olha, podes estar certo de que, na primeira occasião propicia, elle te envenenará n'uma chicara de café, ou n'um copo d'agua! Ain-la és muito moço: não sabes de quanto um negro é capaz!

GUSTAVO.

Sei bastante ; para esta raça amaldiçoada só ha tres principios : o eito, o bacalhau e a força ! Mas não posso deixar de abrir uma excepção para o Lourenço...

SCENA VII

Os mesmos, UM COMPRADOR.

COMPRADOR.

O senhor Pedro Salazar ?

SALAZAR.

Um seu creado ; que deseja ?

COMPRADOR.

Sei que recebeu pelo vapor *Ceará* uma bella partida de raparigas : desejo comprar-lhe algumas (*Gustavo, durante o dialogo, entretem-se a cortar com uma tesoura um artigo do Jornal, que trouxe na mão, e guarda o retalho.*)

SALAZAR.

Tenho o que lhe serve : fazenda nova, bonita e limpa.

COMPRADOR.

Póde-se ver ?

SALAZAR

Immediatamente. (*Toca o tympano, entra o caixeiro.*) Traga as mulatas da Bahia. (*Sae o caixeiro.*) Creoulas não lhe servem ? (*Gesto negativo do comprador.*) Sim, para o seu negocio... (*Abaixando a voz.*) E' coisa papafina e barata.

SCENA VIII

SALAZAR, GUSTAVO, O COMPRADOR, SEBASTIÃO,
SERAFIM, O CAIXEIRO, TRES MULATAS.

SERAFIM, *empurrando as mulatas.*

Vamos ! Depressa ! Negro não tem vergonha ! Olha que ar de santa tem esta descarada ! Tiro-te a santidade com couro crú ! Formem as tres para este lado !

SALAZAR.

Assim ! (*Aparte.*) Tenho homem.

SERAFIM, *ao comprador.*

Foi o senhor que pedio as mulatas ? Eil-as ! Veja que tres mucamas esplendidas ! (*Aparte.*) Olá ! o Raposo casten !

GUSTAVO, *aparte, indicando Salazar.*

Ainda não achei ocasião azada para lhe dar o bote... Preciso muito...muito...

SERAFIM, *indicando as mulatas.*

Esta d'aqui cozinha, lava e engomma perfeitamente. Aquella engomma, lava e cozinha admiravelmente. Aquella outra cozinha, engomma e lava como ninguem ainda cozinhou, lavou e engommou neste mundo.

SEBASTIÃO.

Possuem ainda uns dengues bahianos, mas que se tiram com o chicote !

SERAFIM.

Vae bem servido. (*A uma das mulatas.*)
Faze ahi um dengue, para aqui o senhor apreciar. Vamos lá ! Dize assim : O' gentes, yoyô ! Mecê tem partes ! (*As mulatas conservam-se cabisbaixas e silenciosas.*) Falla, desayergonhada !

SEBASTIÃO, *baixo a Serafim.*

Deixe-se de patuscadas... O negocio é coisa muito séria.

SALAZAR, *ao comprador.*

Que tal ?

COMPRADOR.

Bom frontespicio. (*A uma mulata*) Abre a bocca, rapariga. Boa dentadura! (*Passa-lhe grosseiramente a mão pela face e pelos cabellos, vira-a e examina-a de todos os lados.*) Boa peça, sim, senhor! Tira fóra este panno. (*A mulata não obedece.*)

SALAZAR.

Tira fóra esse panno ; não ouves ? (*Arranca o panno e atira-o violentamente fóra. A mulata corre a apanhal-o, mas Sebastião empurra-a. Ella volta ao logar e desfaz-se em pranto, cobrindo os seios com as mãos.*)

SEBASTIÃO.

Olhem ! Quer ter pudor ! Onde já se vio isto ? Negra com pudor !

SERAFIM.

E chora ! Ora não querem vêr ! Cachorra ! Daqui a pouco é que has de chorar devéras !

COMPRADOR, *a Salazar, baixo.*

Por esta que está chorando dou vinte e cinco, negocio fechado.

SALAZAR, *baixo.*

Menos de trinta nem um real... Tem pudor, homem ! (A *Serafim*) Leve-as. (Sae *Serafim*, empurrando na sua frente as mulatas. Sae igualmente o caixeiro.)

SCENA IX

SALAZAR, O COMPRADOR, SEBASTIÃO, GUSTAVO.

(*Dous grupos. Salazar conversa com o comprador, Sebastião com Gustavo*)

GUSTAVO, a *Sebastião.*

Estou em talas.

SEBASTIÃO.

Como sempre.

GUSTAVO.

Mas desta vez a coisa é seria, uma divida de honra !

SEBASTIÃO.

Já conheço as suas dividas de honra : pagar a conta de alguma *cocotte.*

GUSTAVO.

Juro-lhe que a coisa é de gravidade. Uma ninharia : quatrocentos mil réis ; mas, si os não arranjo, sou bem capaz de fazer saltar os miolos !

SEBASTIÃO.

Seria a sua primeira acção de juizo.

GUSTAVO.

Acha que meu pae me negará esse dinheiro ? Vou dar-lhe o bote !

SEBASTIÃO.

Si eu fosse seu pae, não lh'o daria, porque tenho a certeza de que você iria perdê-lo, até o ultimo vintem, na banca franceza.

O COMPRADOR, *a Salazar.*

Pois então está concluido o negocio. Hoje mesmo virei buscal-as.

SEBASTIÃO, *ao comprador.*

Mas o senhor ainda não vio toda a gente que temos ! Talvez encontre alguma que lhe agrade. Venha contemplal-a. (*Saem juntos.*)

SCENA X

SALAZAR, GUSTAVO.

GUSTAVO.

Quero pedir-lhe um favor, meu pae.

SALAZAR.

Dinheiro ? Não ha !

GUSTAVO.

Mas...

SALAZAR.

Não ha, já disse ! Não me aborreça !

GUSTAVO.

E' que...

SALAZAR.

Não ha ques, nem kas ; ganhe o com o suor
de seu rosto, que eu não estou para alimentar
vicios de malandros ! (*Sae.*)

SCENA XI

GUSTAVO, depois LOURENÇO.

GUSTAVO, só.

Estou a braços com um caiporismo medo-
nho ! Ha tres dias que não ganho uma parada !
Não me ponho no prego, por ser difficil achar

quem me queira ! Joguei quatrocentos mil réis sob palavra e não tenho com que os pagar ! Os amigos a quem posso recorrer, ou já são meus credores, ou são tão forrecas como eu. Palavra que não sei de que expediente lançar mão !
(Lourenço entra de mansinho e vem collocar-se junto de Gustavo, sem que elle o veja.)

LOURENÇO.

Vocemecê está incommodado ?

GUSTAVO.

Ah ! Lourenço, pregaste-me um susto ! Estou incommodado, sim.

LOURENÇO.

E Lourenço não póde saber ?

GUSTAVO.

Ora ! Saber para que ? Que remedio podes dar-me ? O que eu quero é dinheiro, ! E' de dinheiro que preciso ! Tu o tens para m'o emprestar ?

LOURENÇO, *tirando do bolso dinheiro, embrulhado n'um lenço sujo.*

Aqui estão as minhas economias, juntadas vintem por vintem... Si vocemecê precisa, Lourenço faz muito gosto...

GUSTAVO *abrindo o embrulho e contando avidamente o dinheiro.*

Cento e vinte mil seiscentos e vinte réis...
(Aparte) Somma exquisita ! Oh ! que palpíte !
 Em meia duzia de paradas isto pode render um
 conto de réis ! Lourenço, d'aqui ha pouco te
 restituirei esse dinheiro e mais vinte mil réis
 de gratificação. *(Sae correndo.)*

SCENA XII

LOURENÇO, depois GABRIELLA, CAROLINA.

LOURENÇO, *ergue os olhos aos ceus e enchuga uma lagrima.*

O jogo, sempre o jogo ! Não posso, não devo,
 não quero sahir de junto d'elie.

GABRIELLA, *entrando com Carolina.*

Lourenço, onde está o senhor Salazar ?

LOURENÇO.

No escriptorio do guarda livros.

GABRIELLA.

Carolina, vae lá dentro ter com teu pae. Vê
 como lhe fazes o pedido. Lembra-te de que
 elle é arrebatado ; só com muita brandura se
 póde leval-o...

CAROLINA.

Não lhe dê cuidado, mamãe... (*Sahindo, a Lourenço*) Trata-se de vocemecê, senhor Lourenço... Veja lá como lhe queremos bem! (*Sae.*)

SCENA XIII

LOURENÇO, *baixo e em tom de ameaça.*

Não quero absolutamente afastar-me de junto d'elle.

GABRIELLA, *muito nervosa.*

Sim, sim... Farei tudo quanto estiver ao meu alcance, mas não falles nesse tom, porque si nos ouvem...

LOURENÇO.

Não tenha susto; ha vinte e dous annos que guardo este segredo, e ainda não pronunciei uma palavra que podesse despertar desconfianças. Prometto guardal-o até á morte, si a senhora fizer com que eu me conserve sempre ao lado d'elle.

GABRIELLA.

Sim... prometto... prometto... (*Aparte.*)
Oh! meu Deus! mereço eu tamanho castigo?

(Alto) Sae d'aqui... Approxima-se o senhor Salazar. (Lourenço sae.)

SCENA XIV

GABRIELLA, SALAZAR, CAROLINA.

CAROLINA, *a Salazar.*

Perdoe ainda desta vez. Garanto-lhe que de hoje em diante elle abaixará a vista quando estiver em sua presença.

SALAZAR.

Ta ta ta ! O Lourenço segue amanha com o lote tocado pelo Sebastião, e vae apanhar café na fazenda, com instrucções ao Evaristo para castigal-o com todo o rigor á menor falta. E' resolução inabalavel ! Não cederei aos anjos do ceu, que venham em commissão.

CAROLINA, *com a voz tremula pela commoção.*

Si as minhas palavras não o commovem, meu pae, ao menos as minhas lagrimas...
(Desata em pranto.)

SALAZAR.

Valha-me Deus ! Vem cá, pequena, dize-me : que interesse têm vocês em proteger aquelle tratante ?

GABRIELLA.

Não é interesse, senhor, é amizade. O Lourenço é cria de familia... Vio-a nascer... e ao Gustavo. Trouxe-os ao collo. Tratou-os sempre com carinho. Além disso, é bom escravo : o senhor, só o senhor antipathisa com elle.

CAROLINA.

Sem razão, sem razão. Aquillo n'elle é natural. Cada qual como nasceu. Vocemecê preferia que o Lourenço fosse d'esses escravos que na frente se derretem em humilhações e por detraz são inimigos encarniçados de seus senhores ?

SALAZAR, *depois de uma pausa.*

Bem... Ainda desta vez cedo.

AS DUAS.

Ah !

SALAZAR.

Mas sob uma condição...

CAROLINA.

Qual ?

SALAZAR.

De me deixarem livre e desembaraçadamente ir-lhe ao pello, quando não andar muito direitinho.

CAROLINA.

Pois bem.

SALAZAR.

Levem-o com todos os diabos !

CAROLINA, *abraçando-o.*Ah ! obrigado, papaesinho. Lourenço ! (*Lourenço apparece.*) Vamos para casa. Vem connosco.SALAZAR, *a Lourenço.*Vá lá, mas sem exemplo ! Agradeça á sinhazinha, ladrão. (*Ouve-se d'entro pancadaria e choradeira*) Que é isto ?GABRIELLA, *emquanto Salazar volta as costas.*Vamos, vamos ! (*Sae com Carolina. Lourenço acompanha-as.*)

SCENA XV

SALAZAR, SERAFIM.

SERAFIM, *trazendo um vergalho n'uma mão e uma grande palmatoria na outra.*

Arre ! Estreei-me perfeitamente !

SALAZAR.

Que foi ?

SERAFIM.

Esta corja de moleques e negrinhas ! Faziam uma algazarra de ensurdecer ! Destribui chicotadas da direita para a esquerda ! Não perdi uma !

SALAZAR.

Toque ! O senhor é o homem que me serve !
(*Depois de lhe apertar a mão.*) Vou vel-os !
vou vel-os ! (*Sae.*)

SERAFIM, só.

Que dirão os meus collegas do Club Abolicionista Pae Thomaz !

ACTO SEGUNDO

Em casa de Salazar

SCENA PRIMEIRA

DR. EUGENIO, CAROLINA *ao piano.*

CAROLINA.

Não gosta desta habanera ?

DOUTOR.

Prefiro a mais vulgar musica a um trecho sublime de Beethoven ou de Mozart...

CAROLINA.

Como assim ?

DOUTOR.

Quando esta musica vulgar é executada pelos seus dedos.

CAROLINA, *enleuada.*

Oh ! doutor ...

DOUTOR.

Peço-lhe que não me trate pelo meu titulo ; as affeições reciprocas excluem essas formalidades banaes. A sua cerimonia faz-me suppor não ser correspondido.

CAROLINA.

Oh ! porventura vê alguma coisa em mim que possa auctorisar esse juizo?

DOUTOR.

Só tenho lido nos seus olhos amor, candura e innocencia. Oh ! amo-a muito, adoro-a, Carolina! Tenho uma vaga reminiscencia de haver visto o seu semblante em um mundo ideal...no mundo dos sonhos talvez! (*Aparte.*) Flor entre cardos ! Perola no lameirão ! A eterna antithese ! Oh ! mas hei de tiral-a pura do meio impuro em que vive. Porque amo-a !

SCENA II

Os mesmos, JOSEPHA.

JOSEPHA, *entrando a praguejar.*

Má raios te partam, te esconjuro, credo !...
Que azocrinação de todos os diabos ! Esta mo-

lecada não me deixa socegar ! (*Vendo o doutor e Carolina.*) E estes dous aqui sosinhos ! Que pouca vergonha ! Vou participar ao mano que não posso mais viver nesta casa ! De todos os lados só se vê malcriação, patifaria e pouca vergonha !

CAROLINA, *deixando o piano.*

Está zangada, tia Josepha ?

JOSEPHA.

Estou, sim ! Pois si aqui ninguem me respeita, ninguem faz caso de mim. Sou um dous de paus !

DOUTOR.

Engana-se.

JOSEPHA.

Deixe-me fallar — que eu só fallo quando tenho *reção*. Mandei um desses moleques á venda comprar quatro vintens de pimenta do reino, e o diabo levou duas horas na rua. Que lembrança teve o mano, em mandar para cá os negros que não couberam na casa de commissão ! E' uma negralhada que nem um santo póde aturar !

CAROLINA.

Porém...

JOSÉPHA.

Deixe-me fallar, com a bréca ! Não fazem caso de mim os taes senhores negros ! Si dou uma ordem ella entra por um ouvido e sae por outro. Ainda hontem disse á pernambucana que queria o meu vestido de fustão engomado, hoje, e até agora a excommungada nem ao menos o poz na gomma.

DOUTOR.

Mas...

JOSEPHA.

Deixe-me fallar, homem de Deus ! Eu levantava as mãos para o ceu e accendia uma vela a Nossa Senhora das Candeias, no dia em que visse enforcados todos os negros desta terra ! *(Olhando ironicamente para o Dr. Eugenio.)* Eu bem sei que esta opinião desagrada a certos sujeitinhos que são abolicionistas, mas andam á coca de meninas que têm escravos.

DOUTOR.

Perdão, parece-me...

JOSEPHA.

Deixe-me fallar... *(Carolina toma o doutor pela mão e leva-o para o jardim. Josepha não*

dá pela sahida dos dous.) Si a earapuça servio a alguem, esse alguem que a deite na cabeça, e vá para todos os diabos, que eu não tenho a quem dar satisfações, e não as dava, nem a meu pae que resuscitasse! (*Vendo-se só.*) Foram-se? não importa! Hei de fallar até não poder mais! Hei de fallar mesmo sozinha, por que com certeza alguem estará escutando á porta. Doutor das duzias! anda aqui com partes de abolicionista, e quer casar com a filha de um homem que elle sabe que tem toda a sua fortuna em escravos. Ah! inveja! inveja!

SCENA III

JOSEPHA, SERAFIM.

SERAFIM.

Senhora D. Josepha, o patrão manda buscar as creoulas Jacintha e Quiteria.

JOSEPHA.

Ah! é você? Sente-se aqui e ouça-me. (*Obriga-o a sentar-se.*) Veja si eu tenho ou não *reção* quando fallo. Vivo aqui no inferno, seu Serafim, sou tratada como uma negra! ninguem me respeita, ninguem faz caso de mim. Estou morta por me ir embora. Aqui eu fico maluca, si já o não estou!

SERAFIM, *querendo levantar-se.*

O patrão...

JOSEPHA, *obrigando-o a sentar-se.*

Deixe-me fallar ! Tambem você ?

SERAFIM.

Tem toda a razão, mas é que...

JOSEPHA.

Ainda hontem...

SERAFIM, *mexendo-se.*

O patrão tem pressa !

JOSEPHA, *gritando.*

Deixe-me fallar ! Ainda hontem tinha eu dado ordem para mudar o coradouro...

SERAFIM.

Nada ! vou eu mesmo buscar as creoulas...
(*Sae rapidamente.*)

JOSEPHA, *perseguido-o.*

Ouçã o resto, homem do diabo ! Ainda hontem... Olhe ! Seu Serafim ! (*Perde-se a voz nos bastidores.*)

SCENA IV

UM CREDOR, introduzido por LOURENÇO,
depois GABRIELLA.

LOURENÇO.

Faça favor de entrar.... Eu vou chamar minha senhora... (*Sahida falsa.*) Não é

preciso : ella ahi vem. (*Entra Gabriella.*)
 Minha senhora, este senhor deseja fallar com
 vocemecê. (*Gabriella comprimenta o credor
 com a cabeça. Lourenço afasta-se e fica escu-
 tando ao fundo.*)

O CREDOR.

Minha senhora, eu vim procurar seu filho, o
 senhor Gustavo ; o criado disse-me que elle
 não está em casa ; fará V. Ex. o obsequio de me
 informar do logar e da occasião em que poderei
 encontral-o ?

GABRIELLA.

Sou a ultima a saber da vida de meu filho,
 senhor. Raras vezes o vejo. Passam-se dias e
 dias que não vem á casa, e nunca diz para
 onde vae.

O CREDOR.

Si V. Ex. me concedesse alguns momentos
 de attenção, desejava fazer-lhe revelações im-
 portantes a respeito do senhor seu filho ; reve-
 lações que com certeza hão de magoal-a muito,
 mas que julgo necessarias.

GABRIELLA.

Não me surprehende. Já estou tristemente
 habituada aos desmandos de Gustavo ; tudo

tenho em vão tentado para trazel-o ao bom caminho.—Queira sentar-se. (*Sentam-se ambos.*)

O CREDOR.

Mas cuido que V. Ex. ignora a que ponto chegaram as coisas.

GABRIELLA.

Infelizmente sei. Apaixonou-se por uma mulher perdida, e, não podendo supprir ás despesas extraordinarias que acarretam essas loucuras, recorre ao jogo.

O CREDOR.

Recorre a coisa peor, minha senhora.

GABRIELLA.

Como ?

O CREDOR, *tirando um papel do bolso.*

Tenha a bondade de ver.

GABRIELLA.

E' uma letra de quinhentos mil réis, assignada por meu marido.

O CREDOR.

Examine bem a assignatura.

GABRIELLA, *lendo.*

Pedro Salazar.

O CREDOR.

Reconhece a assignatura como do proprio punho do senhor Salazar ?

GABRIELLA, *depois de uma pausa.*

Meu Deus! (*Aparte.*) Falsa!

LOURENÇO, *corre, toma freneticamente a letra das mãos do credor e rasga-a.*

Oh!

O CREDOR.

Estou duas vezes roubado! Vou ter com a policia!

GABRIELLA, *tomando-o pelo braço.*

Por quem é, não o faça! E' uma mãe quem lh'o pede! Queira esperar aqui um momento. (*Sae.*)

LOURENÇO, *ajoelhando-se em frente ao credor.*

Por tudo quante ha de mais sagrado, pelo amor que tem a sua mãe, não lhe faça mal, meu senhor! Juro por Maria Santissima que lhe pagarei esse dinheiro dentro de pouco tempo, com o juro que quizer. (*Ergue-se.*)

GABRIELLA, *voltando.*

Aqui estão algumas de minhas joias. Leve-as, venda-as e pague-se, senhor!

O CREDOR, *depois de nma pausa.*

A pratica dos negocios e o attrito dos interesses egoistas blindam-nos o coração e nos

tornam insensíveis aos dissabores alheios; porém não tanto como o propolam os senhores sentimentalistas...sem vintem. Quando é necessario, temos coração. Guarde as suas joias, minha senhora! Nada transpirará deste facto, e, quanto ao pagamento, fal-o-ha quando e como lhe fôr possível. A's ordens de V. Ex.

GABRIELLA, *apertando-lhe a mão.*

Obrigada!

LOURENÇO, *beijando-lhe as mãos.*

Sou um pobre escravo; mas as acções generosas fazem-me chorar... (*Sae o credor acompanhado por Lourenço.*)

GABRIELLA, *só.*

Meu Deus! meu Deus! quando acabará este martyrio? (*Cae n'uma cadeira a soluçar. Disfarça as lagrimas ao ver entrar a filha pelo braço do doutor.*)

SCENA V

GABRIELLA, DOUTOR, CAROLINA, que entram sem ver Gabriella.

CAROLINA.

Tenha coragem, Eugenio! Declare-se lhe francamente. Afianço-lhe que será bem tratado e receberá o preciso consentimento.

DOUTOR.

Não o creio, Carolina. Basta ver-me para ficar de mau humor. Vota-me uma antipathia invencível, leio-a nos seus olhos, no seu modo de fallar, em tudo! E si, sendo tão mal visto pelo dono da casa, ainda me atrevo a pôr aqui os pés, é porque... é porque...

GABRIELLA, *interpondo-se.*

E' por que ama-a, e deseja casar-se com ella. Quanto a mim, honro-me muito em tel-o por genro. Mas meu marido é contrario á esta idéa, e meu marido é teimoso.

CAROLINA.

Minha mãe!

DOUTOR.

Ignoro a causa desta aversão que elle me vota.

GABRIELLA.

Pois ignora?

DOUTOR.

De certo. Sou perfeitamente innocente.

GABRIELLA.

Não consta que o doutor tem idéas emancipadoras?

DOUTOR.

Sim. Si bem que não me apresente como paladino, faço modestamente tudo quanto posso pela causa da emancipação dos escravos. (*Pausa.*) Estou perfeitamente convicto de que a escravidão é a maior das iniquidades sociaes, absolutamente incompativel com os principios em que se esteiam as sociedades modernas. E' ella, é só ella a causa real do nosso atrazo material, moral e intellectual, visto como, sendo a base unica da nossa constituição economica, exerce a sua funesta influencia sobre todos os outros ramos da actividade social, que se derivam logicamente da cultura do solo. Mesmo no Rio de Janeiro, esta grande capital cosmopolita, feita de elementos heterogeneos, já hoje possuidora de importantes melhoramentos, o elemento servil é a pedra angular da riqueza. O estrangeiro que o visita, maravilhado pelos esplendores da nossa incomparavel natureza, mal suspeita das amargas decepções que o esperam. Nos ricos palacios como nas vivendas burguezas, nos estabelecimentos de instrucção como nos de caridade, nas ruas e praças publicas, nos jardins e parques, nos pittorescos e decantados arrabaldes,

no cimo dos montes, onde tudo respira vida e liberdade, no intimo do lar domestico, por toda a parte, em summa, depara-se-lhe o sinistro aspecto do escravo, exalando um gemido de dôr que é ao mesmo tempo uma imprecação e um protesto. E junto do negro o azorrague, o tronco e a forca, tripode lugubre em que se badeia a prosperidade do meu paiz! Oh! não! Cada dia que continua este estado de coisas, é uma cusparada que se lança á face da civilização e da humanidade! Sei que me acoimarão de idealista, allegando que se não governam nações com sentimentalismos e rethoricas. Pois bem, ha um facto incontroverso e palpavel, que vem corroborar as minhas utopias. E' sabido que os emigrantes estrangeiros não procuram o Brazil ou não se conservam nelle, por não quererem emparceirar-se com os escravos. A escravidão é uma barreira insuperavel á torrente emigratoria. Portanto penso que só ha uma solução para o problema da transformação do trabalho : a espada de Alexandre !

CAROLINA.

Muito bem, Eugenio : daria um jornalista esplendido !

GABRIELLA.

As suas idéas, doutor, chegaram aos ouvidos do senhor Salazar, e foi quanto bastou para consideral-o seu inimigo natural. (*Ouve se a voz de Josepha, que descompõe alguém, gritando.*)

DOUTOR.

Nesse caso deverei perder as esperanças, porque, acima dos impulsos do meu coração, acham-se os principios sagrados da liberdade e do direito conculcado.

GABRIELLA.

Mas não perca a esperança.—Com paciencia muito se conseguirá. Sobre tudo, não precipite os acontecimentos.

CAROLINA, *que ouve a voz de Josepha, a qual não tem cessado de ralar.*

Titia Josepha destemperou! Vou bulir com ella! (*Alto.*) O' titia, que é lá isso, pegou fogo na casa?

A VOZ DE JOSEPHA, *mais proxima, enquanto o doutor conversa com Gabriella.*

Tombem você, sua delambida? Quer tomar chá de garfo commigo? Vem para cá, que te ponho as orelhas em pimentão!

CAROLINA, *sempre á porta.*
 Não seja tão másinha, titia do coração.
(Foge para junto da mãe.)

JOSEPHA, *nos bastidores.*
 Tomára que já chegue o dia da minha morte, só para ver si eu descanso um dia na minha vida. *(Atravessa a scena com uma vas-soura na mão e uma caçarola na outra.)*
 Amenhan me mudo d'esta casa. Não posso mais com esta vida! Que inferneira! te arre-nego! *(Sae. Carolina arremeda-a.)*

CAROLINA.
 Venha cá, titia, olhe, escute!

GABRIELLA, *ao doutor.*
 Depois d'amanhan vamos para a fazenda, onde passaremos um mez. O doutor não nos quer fazer companhia?

DOUTOR.
 Eu? Depois do que acabo de saber?

CAROLINA, *que se tem approximado.*
 Sem duvida que ha de ir, e por isso mesmo. Papae terá lá muito pouca gente com quem se entreter; e será obrigado a fazer as pazes com o senhor. Eu serei a intermediaria. Elle não é tão mau como dizem.

GABRIELLA.

Além disto, o ar do campo tem a virtude de o abrandar um tanto ..

DOUTOR.

Bem ; nesse caso, aceito. (*Baixo a Carolina, passando.*) A tudo me sujeito para estar ao pé de ti. (*Apertando-lhe a mão.*) Adeus !

CAROLINA.

Até quando ?

DOUTOR.

Até sempre. (*Aperta a mão de Gabriella.*)
D. Gabriella...

GABRIELLA.

Até sempre, doutor.

CAROLINA.

Appareça para combinarmos na viagem. (*O doutor comprimenta e sae. A' mãe.*) Felizmente Eugenio é o medico da casa .. Si não fosse isso... papae seria capaz de dar a entender que o não queria ver aqui.

GABRIELLA.

E si ainda o não deu, é por ignorar que elle te requesta. Mas vamos para dentro. (*Toma as joias.*)

CAROLINA.

As suas joias ? Porque estão aqui ?

GABRIELLA.

Por nada... Vamos, Carolina. *(Saem.)*

SCENA VI

SERAFIM, *entrando a tocar duas escravas
diante de si, e acompanhado por JOSEPHA.*

JOSEPHA.

Mas ouça, homem de Deos !

SERAFIM.

Desculpe, minha senhora, desculpe, não posso ouvir. A senhora já me tem demorado tanto ! E' até possível que o patrão me ponha no andar da rua ! Eu sou tão caipora... sou um typo tão arrebetado ! Vamos, raparigas ! vamos ! Toca !

JOSEPHA, *tomando o pelo braço.*

Ouça, e veja si não tenho *reção* quando fallo... escute...

SERAFIM.

Virgem Nossa Senhora ! Não posso agora !
Estou com muita pressa ! Logo mais !

JOSEPHA.

Não, ha de ser já... escute! (*Serafim sae correndo, tocando as negras adiante de si.*) (*A' porta.*) Malcriado! Trampolineiro! (*Indo á janella.*) Patife! Desavergonhado! Vou descompol-o pela janella do becco! (*Sahindo.*) Has de pagar-me! Hei de ensinar-te a prestar attenção ás pessoas mais velhas! (*Sae gritando sempre. A scena fica vasia por alguns momentos. Por algum tempo, ouve-se ao longe a voz de Josepha. Entra Gustavo e atira, de mau humor, o chapéo ao chão.*)

SCENA VII

GUSTAVO, depois LOURENÇO.

Desgraça! Desgraça! Só me falta, para solução final, cravar uma bala nos miolos. Já o tentei uma vez, mas falhou-me a energia e tremeu-me o braço. (*Lourenço ao fundo espreita-o.*) Uma coisa por demais! Não ha meio de desforrar mil réis que sejam! (*Pausa.*) Mas é indispensavel, urgente, imprescindivel, que eu de qualquer modo resgate aquella letra, para aõ menos resalvar o resto de vergonha e honradez compativel com a deploravel vida

que levo! (*Atira-se no sofá e fecha os olhos. Pausa.*) Treze!... Treze... Quatorze! Quinze! Chorrilho de grandes! Em um quarto de hora posso ganhar uma fortuna, deixando a dobrar! (*Abre os olhos, olha em roda de si e aponta para o gabinete.*) E' alli. (*Tirando uma chave do bolso.*) A chave cabe perfeitamente... Tiro, o dinheiro e em menos de meia hora o reponho! ninguem saberá! (*Dirige-se para o gabinete e estaca na porta.*) Gustavo! Gustavo! que vaes fazer? Miseravel! Ah! Porém... Ora! Não ha novidade! Bastará um chorrilho de oito grandes para endireitar tudo! (*Sae.*)

SCENA VIII

LOURENÇO, depois GUSTAVO.

LOURENÇO, *que tem acompanhado ao fundo todo o monologo de Gustavo, dirige-se á porta do gabinete e espreita.*

Que faz elle? Jesus! Misericordia! Abre a secretária com uma chave falsa! Ah! não! custe o que custar, hei de impedir aquella infamia, que o deshonra... e que me deshonra tambem!

GUSTAVO, *voltando, sem ver Lourenço, contando o dinheiro.*

Trezentos! Trezentos e cincoenta! Um chorrilho de oito grandes é coisa muito commum nos dados... Pondo cincoenta mil réis a dobrar levanto quatro contos e oito centos n'um abrir e fechar d'olhos! (*Vae a sahir.*)

LOURENÇO, *interpondo-se.*

Dê-me isto!

GUSTAVO, *sorprehendido.*

Isto que?!

LOURENÇO.

Dê cá este dinheiro!

GUSTAVO.

Enlouqueceste! Quem és tu para me fallares assim!?

LOURENÇO.

Eu, Lourenço. Sou eu.

GUSTAVO.

Arreda, bebado! Deixa-me passar!

LOURENÇO.

Não ha de sahir d'aqui com o que tem na mão!

GUSTAVO.

Não estou agora para aturar-te a cachaça !
Si estivesse bom da cabeça, pagavas-me caro
o desaforo ! (*Vae a sahir.*)

LOURENÇO, *collocando-se na porta.*

Não sahirá sem me entregar este dinheiro !

GUSTAVO, *encolerizado.*

Deixa-me, diabo !

LOURENÇO.

Não ! (*Segura Gustavo, que tenta sahir.*)

GUSTAVO.

Cão ! Olha que és um negro captivo, e eu
sou teu senhor !

LOURENÇO.

Pouco importa ! Não posso consentir no que
faz ! Entregue-me o dinheiro ! (*Pequena lucta,
finda a qual, Lourenço tem-se apoderado do
dinheiro.*)

GUSTAVO.

Miseravel ! Ladrão ! Patife ! Corto-te a chi-
cote ! (*Dá-lhe uma bofetada no momento em
que apparece Gabriella.*)

SCENA IX

LOURENÇO, GUSTAVO, GABRIELLA

GABRIELLA

Lourenço! Gustavo! meu Deus!...

LOURENÇO, *em tom singular.*

Esta bofetada será um direito perante os homens, mas perante Deus é um sacrilegio. Eu...

GABRIELLA, *correndo para Lourenço.*

Lourenço, não o digas!

LOURENÇO, *desenvencilhando-se*

Eu sou teu pai! (*Tomando Gabriella pelo braço*) Negue! negue se é capaz! (*Gabriella dá um grito e cae desfallecida. Longa pausa. Gustavo fulminado recua paulatinamente, fitando Lourenço com o olhar desvairado. Entra Salazar que estaca no fundo ao ver a scena.*

SCENA X

Os mesmos, SALAZAR.

SALAZAR, *descendo.*

Que é isto?! Minha mulher desmaiada... Meu filho desvairado... Este negro... (*Vendo dinheiro, Dinheiro! Tomando-lh'o das mãos*) Dinheiro?! Onde o roubaste?

LOURENÇO, *cahindo de joelhos a soluçar.*
Da sua secretaria, meu senhor.

SALAZAR, *colerico.*

Ladrão! Além do mais, é ladrão!

GUSTAVO, *como voltando a si, febrilmente.*

Negro?! Eu?! Filho de um escravo?!
Oh!... [Impossivel! Meu Deus!

ACTO TERCEIRO

Na fazenda do Pouso-Alto. Sala interior, vendo-se ao fundo o terreiro, com deposito de cereaes e apparelhos agricolas. Arvoredos, etc., etc; Ao levantar do panno ouve-se a voz do feitor dando ordens.

SCENA PRIMEIRA

JOSEPHA, EVARISTO

A VOZ DE EVARISTO.

Si não tens força, vou eu ensinar-te! (*Ouve-se estalar o chicote*) Tira o couro deste animal! Grita, burro, que quanto mais barulho fizeres, peor será. (*Gemidos de dor*) Levem-o para o roçado novo, á beira d'agua, amarrem-no a um tronco de arvore! Lá poderá berrar á vontade. (*Esvaem-se os gemidos e a voz.*)

JOSEPHA, *entrando.*

E' sò o que se vê *desna manhã* até de noite! Negro, café, chicote, tronco; tronco, café, chicote, negro. Depois que aqui *cheguemos*,

ha mais de quinze dias, inda não vi nem ouvi outra coisa! Quem é que pôde com esta vida? *Despois* dizem que eu sou *falladeira*... Eu só fallo quando tenho *resão*. Se não querem me ouvir vou p'ro meio do cafezal, e hei de fallar, fallar, fallar até não poder mais!

Quem é que pôde ficar calado quando assumpta coisas daquellas! A gente perde até a vontade de comer! Ora, quem *havera* de pensar!... Bem sei porque ella ficou maluca... Desde muito tempo que o tal nhô-nhô Gustavinho me dava que pensar! Ella é branca, o mano é mnito disfarçado... Como é que sahio um filho moreno e de cabellos duros? Isto sempre me intrigou; mas, emfim, não dizia nada, porque eu só fallo quando tenho *resão*. Porém, *despois* que vi o tal Gustavinho variando por causa da a molestia, confirmaram-se as minhas desconfianças, e vou dar parte ao mano aconteça o que acontecer. E sabe Deos, sabe Deos, se ella está doida, e se aquillo de estar no hospicio não é manha! E' de familia! Já a mãe não se fallava bem della, e a irmã... cala-te bocca! Ellas, pelo menos, procuravam gente branca. Mas não um escravo, um negro! Oh! fico toda arripiada quando penso nisso!

(*A' parede*) Com um escravo! parede. (*á uma cadeira*) Com um negro, cadeira! (*ao sofá*) Um negro! (*Repete a todos os objectos que se acham na sala com tremeliques nervosos e sae com as mãos na cabeça e repetindo:*) Um negro! Um negro!...

SCENA II

DOUTOR, CAROLINA, *entra cada um de seu lado.*

CAROLINA, *indo ao encontro do doutor.*

Como o acha, Eugenio?

DOUTOR.

Posso quasi assegurar-lhe que está livre de perigo, salvo complicações imprevistas; Gustavo foi presa de uma fortissima commoção cerebral, que, se devesse mata-lo, já o teria feito. Consegui debellar a febre que o prostrava e cuido que o seu estado deixou de ser melindroso.

CAROLINA.

E minha mãe, e minha pobre mãe?!

DOUTOR.

Talvez recupere a rasão no Hospicio de Pedro II, para o qual foi necessario removel-a.

Mas não tenho esperança alguma. A sua loucura apresenta um caracter horrivel.

CAROLINA, *chorando, apoia-se ao hombro do doutor.*

Eugenio! no meio de que desgraças e dissabores tem se alimentado o nosso amor!

DOUTOR.

Consola-te, Carolina.

CAROLINA.

E por mais que procure, não atino com a causa de tanto infortunio. Minha mãe louca... Gustavo doente... Lourenço... Não sei por que, mas parece-me que Lourenço não é estranho a estas desgraças... A colera de papai, a fugida de Lourenço...

DOUTOR.

Lourenço subtrahio dinheiro da secretaria de seu pai.. A exaltação do Sr. Salazar impressionou D. Gabriella a ponto de lhe tirar a rasão... A doença de Gustavo é causada, sem duvida, pelo estado em que vio sua mãe!

CAROLINA.

Vamos ter com Gustavo... E' preciso não

abandonal-o um só momento... Pobre irmão !
Venha comigo, Eugenio. (*Saem.*)

SCENA III

SALAZAR, EVARISTO, *feitor.*

SALAZAR.

Encampo tudo quanto fizer. Para negros
não ha contemplações.

EVARISTO

Eu cá não brinco. A' menor falta que com-
mettam, trabalha o bacalhau feio e forte !

SALAZAR.

Assim ! Entendo que o negro só deixa resul-
tado com o seguinte systema : das cinco da
manhã ás sete da noite — roçar, derrubar
mattas e apanhar café ; ás oito da manhã e á
uma da tarde — angu, abobora e couve. E
sempre que fôr possível, chicote e troneo, para
tirar-lhes a preguiça !

EVARISTO.

E' o systema por mim seguido desde que o
senhor me confiou a administração desta fa-
zenda. Tenho-me dado muito bem com elle, e
não pretendo mudal-o.

SALAZAR.

São todos mansos como cordeiros.

EVARISTO.

A maior parte. Ha um grupa de quatro ou cinco um tanto rebeldes. Negros novos. Gente do Ceará. Antipathisam comigo; mas essa ogerisa tem-lhes custado caro. Ainda ha pouco, mandei surrar um delles com todos os sacramentos... Prometto que hei de pol-os a todos no bom caminho! E o tal Lourenço? nada?

SALAZAR.

Já foi filado, segundo um telegramma de Serafim, que hoje recebi. O rapaz é esperto, foi uma bella aquisição, o Serafim!

EVARISTO.

Ainda bem! Agora sua licença: vou dar providencias sobre o embarque do café!

SALAZAR.

Vá, vá, Sr. Evaristo. (*Evaristo sae.*) E' o beijinho dos feitores.

SCENA IV

JOSEPHA, SALAZAR.

SALAZAR, *a Josepha que entra.*

Como vae o rapaz, mana?

JOSEPHA.

Sei cá ! Póde ir melhor, ou peor, ou na mesma, pouco se me dá !

SALAZAR.

Oh ! não tanto assim ! O Gustavo é um estroina, é um inutil, convenio ; mas, afinal, é meu filho, e portanto seu sobrinho . . .

JOSEPHA.

Meu, não ! Lavo a testada !

SALAZAR.

Heim ? . . .

JOSEPHA.

Nunca !

SALAZAR.

Nunca ? !

JOSEPHA.

Jumais !

SALAZAR.

Explique-se ! Não gosto de meias palavras.

JOSEPHA.

Quantos dedos tenho eu nesta mão ?

SALAZAR.

Cinco, creio.

JOSEPHA.

E nesta outra ?

SALAZAR.

Cinco tambem, parece-me !

JOSEPHA.

E nas duas juntas ?

SALAZAR.

Ora vá para o inferno.

JOSEPHA.

Diga !

SALAZAR.

Dez ! Vamos lá !

JOSEPHA.

Pois tenho tanta certeza de ter cinco nesta, cinco nesta, e dez nas duas juntas, como tenho a certeza de que o tal Gustavinho não é seu filho, e muito menos meu sobrinho.

SALAZAR.

Você está caducando ou deu na aguardente do alambique !

JOSEPHA.

Mano, eu só fallo...

SALAZAR

Quando tem razão : os doidos dizem a mesma coisa.

JOSEPHA.

Desculpo as suas macriações, porque eu só

quero o seu bem. Está então convencido de que esse coisinha é obra sua ?

SALAZAR.

Não ! provavelmente ha de ser do vigario.

JOSEPHA.

Olhe que eu estou fallando serio. Quem dera que fosse do vigario !

SALAZAR.

Então ha de ser do diacono ! ?

JOSEPHA.

Desça !

SALAZAR.

Do sachristão *

JOSEPHA.

Desça mais !

SALAZAR.

Ora desça você para as profundas do inferno com a sua lingua de vibora, e vá aborrecer ao diabo que a carregue !

JOSEPHA, *segurando-lhe no braço.*

Diga-me uma coisa : que dia é hoje ?

SALAZAR.

Sexta-feira.

JOSEPHA.

Quantos do mez ?

SALAZAR.

Doze.

JOSEPHA.

Que horas são ?

SALAZAR.

Deve ser dez. Ora senhor ! Já me não bastava a mulher doida ! Tambem esta !

JOSEPHA.

Pois bem : tome nota do que lhe disse, mez, semana, dia, hora e logar. (*Sahindo, com ironia.*) Eu è que sou maluca ! Eu é que sou maluca ! (*Sahida falsa.*)

SALAZAR, *segurando-a com força pelo braço*).

Velha maldita ! explique-se ou eu a esgano ! Não sei a quem se referem as suas suspeitas. Você não passa de uma miseravel calumniadora, de uma vil intrlgante ! de uma envenenadora de profissão ! Eis ahi ! (*Dá-lhe um empurrão, Josepha vae cahir sobve o sofá.*)

JOSEPHA, *erguendo-se.*

Apare o carro ! Quer que eu me explique ? Pois eu me explico. (*Pausa*) De que cor é a sua pelle ?

SALAZAR.

Ahi vem o estylo cabalístico ! *(Com força)*
Branca !

JOSEPHA.

Sim... apesar de que o nosso bisavô materno era pardo.

SALAZAR, *tapando-lhe a bocca.*

Psit, mulher !...

JOSEPHA.

Bem pardo !

SALAZAR.

Mana !

JOSEPHA.

E foi escravo até a idade de cinco annos !

SALAZAR.

Cala-te, diabo !

JOSEPHA.

Ninguem nos ouve. Era mulato e escravo ; mas a alliança com gallegos purificou a raça, de sorte que tanto você como eu somos perfeitamente brancos... Temos cabellos lisos e corridos, beiços finos e testa larga.

SALAZAR.

Bem ; que mais ?

JOSEPHA.

Qual é a côr de sua mulher ?

SALAZAR.

Branca...

JOSEPHA.

E bem branca. Ora, sim, senhor. Como é que explica que seu filho seja bastante moreno, tenha beiços grossos e eabellos duros ? Hein ?

SALAZAR, *sorrindo*.

Você é uma toleirona. Tambem a mim, isto causava especie ; mas disse-me um medico ser este facto observado em familias que contam um ou mais ascendentes remotos de côr. Desgotou-me muito isso ; mas emfim ! São caprichos da natureza ! Uma raça não se purifica inteiramente senão depois de seculos... A mestiçagem com africanos produz atavismos...

JOSEPHA.

Bem... não digo mais nada... Prefiro deixal-o na doce illusão. (*Vae a sahir.*)

SALAZAR, *segurando-a*.

Com mil diabos ! Já agora quero saber !

JOSEPHA.

Quer ?

SALAZAR.

Sim !

JOSEPHA.

Pois ouça lá, mesmo porque já estou engasgada. Sou capaz de estourar, se fico callada! Hontem á noite fui ao quarto do Gustavo... — Elle estava ardendo em febre e delirava... Sabe o que dizia? Dizia assim: Eu? Filho de um negro? Eu? Negro? Eu? Ladrão?!

SALAZAR, *muito agitado.*

E o que conclue você d'ahi?

JOSEPHA, *hypocritamente.*

Concluo... concluo que o Lourenço é uma cria de familia... muito estimado... escandalosamente protegido por sua mulher. Deus lhe perdoe, e...

(Salazar agarra na garganta da velha, dá um grito e sae correndo)

SCENA V

JOSEPHA, *só.*

Quasi me estrangula! Ih! Nunca pensei que a coisa causasse tanto barulho! *(Com voz medrosa e de mãos postas.)* Meu Santo Antonio, fazei com que não aconteça alguma desgraça, porque tal não era a minha intenção! Juro que não era! *(Jura com os dedos em cruz.)*

Vós bem sabeis, meu bom santo, que só fallo quando tenho *resão*. — Vou para o meu oratorio resar dez padre nossos e dez ave marias, para que sique tudo em paz nesta casa! (*Benze-se.*) Minha Nossa Senhora das Candeias! Ainda bem que eu estou fóra de toda esta intrighada e... (*Fóra de scena.*)... e tenho a minha consciencia limpinha. Só me metto com a minha vida... (*Perde-se a voz.*)

SCENA VI

GUSTAVO, magro, pallido, alquebrado, amparado pelo DOUTOR e por CAROLINA.

DOUTOR.

E' nma imprudencia! Faz mal, faz mal, senhor Gnstavo!

GUSTAVO.

Não, doutor... Ficarei socegado... aqui... nesta poltrona... (*Sentam-no.*)

CAROLINA.

Meu irmão, attende ao teu medico...

GUSTAVO.

Deixem-me... quero estar só! (*Fecha os olhos. Carolina, depois de uma pausa, julgando-o a dormir, impõe silencio ao doutor, toma-o pelo braço e saem ambos pé ante pé. Só.*) Terrivel! terrivel pesadello de todos os

momentos ! Oh ! porque me não fulminou um raio, minutos depois daquella monstruosa revelação ? ! Deos ! Destino ! Providencia ! Acaso ! Qualquer que seja o teu nome, és bem cruel para aquelle cujo unico crime foi a leviandade e a inexperiencia proprias da mocidade ! (*Nervosamente.*) Gustavo Salazar, és filho de um escravo ! Ferve-te nas veias o sangue africano ! Pertences á raça maldita dos pariás negros ! á qual sempre votaste o desprezo mais profundo ! Tua mãe prevaricou com um escravo... Oh ! (*Soluça amargamente.*)

SCENA VII

O MESMO, SERAFIM, LOURENÇO.

Serafim traz pelo coço da calça Lourenço, que tem as mãos amarradas sobre as costas, e está magro, hirsuto e com ar idiota.

SERAFIM.

Aqui está o negro ! Safa ! Custei ! (*Aparte*) Quando ia a entrar na estação da estrada de ferro, encontrei o presidente do Club Abolicionista Pae Thomaz... Mas é preciso ganhar a vida ! (*Gustavo ergue-se e recua espavorido para o canto opposto do theatro, fitando Lourenço com o olhar desvairado.*) Admira-se, não é assim ? Ah ! eu cá quando porfio mato

caça. Eu e dous pedestres andámos por Séca e Méca e Olivaes de Santarem, mas afinal segurámos o negro, e bem seguro ! (*A Lourenço.*) Foge agora si és capaz, tratante ! cachorro ! peste ! Descara...

GUSTAVO, *segurando-o pela garganta.*
Cale-se !

SERAFIM, *engasgado.*
Falla comigo ?

GUSTAVO.
Si ousar dirigir-lhe a mais leve injuria, mato-o ! (*Larga-o.*)

SERAFIM, *aparte.*
Esta agora ! que bicho o mordeu ? (*Alto.*)
Mas, Sr. Gustavo...

GUSTAVO.
Saia ! (*Empurra o.*)
SERAFIM, *sahindo, aparte.*

Ora, dá-se ! Hom'essa !...

SCENA VIII

GUSTAVO, LOURENÇO, depois o DOUTOR.
Scena muda. Ficam em frente um do outro, silenciosos.

GUSTAVO, *comsigo.*
Sonho horrivel ! Meu... pae, aquelle que alli está ! Mas, não ! E' o delirio da febre...

Impossível! (*Pausa. Inclina-se sobre o sofá e occulta o rosto, soluçando.*) Dilata-se-me o coração... estala-se-me o peito que mal o póde conter... E' o grito fatal da natureza! E' a voz sagrada do sangue! (*Por tres vezes successivas Gustavo vae dirigir-se a Lourenço, mas, ao approximar-se d'elle, recua convulsivamente, com certa repugnancia. Lourenço curva a cabeça e soluça. Neste momento o Doutor vae entrar, mas, vendo o quadro, volta e assiste á scena, da porta, sem ser visto pelos dous*) Aquelle que alli está amarrado e villipendiado, que em breve vae sentir nos seus pés o ferro da ignominia e em suas costas o açoite infamante do captivo, é... é meu pae! (*Atira-se aos braços de Lourenço, o qual com um supremo esforço e dando tres solavancos, quebra as cordas que lhe algemam os pulsos. Ficam abraçados.*)

DOUTOR, *aparte.*

Compreendi tudo! meu Deos!... (*Desaparece.*)

SCENA IX

GUSTAVO, LOURENÇO, SALAZAR, SERAFIM, depois
EVARISTO.

SALAZAR, *depois de fital-os com odio, a Serafim.*

Vá chamar o Evaristo. (*Serafim sae.*)

GUSTAVO.

Para que o Evaristo ?

SALAZAR.

Com que direito me faz essa pergunta ?

GUSTAVO.

Não sei ! Pergunto para que manda chamar o Evaristo ?

SALAZAR.

Para arrancar o couro áquelle negro !

EVARISTO, *entrando*.

Prompto !

SALAZAR, *apontando para Lourenço*.

Eil-o ! Entrego lh'o á discricção. (*Evaristo, com um gesto de ameaça, dirige-se para Lourenço.*)

GUSTAVO.

Não lhe toque !

SALAZAR, *aparte*.

Ah ! (*Alto, brandindo o chicote que arranca das mãos do feitor.*) Pois começarei eu mesmo !

GUSTAVO, *interpondo-se*.

Por Deos, que o não ha de fazer !

SALAZAR, *furioso*.

Afaste-se ! Afaste-se ! sinão applico lhe uma chicotada !...

LOURENÇO, *a Gustavo.*

Deixe-o, meu senhor... Eu sei o que devo fazer. (*Sae. Evaristo, acompanha-o, Gustavo quer tambem acompanhá-lo, mas cae abatido e tenta em vão erguer se.*)

SCENA X

SALAZAR, GUSTAVO.

SALAZAR.

Filho do meu escravo !

GUSTAVO

Já o sabia?! Tanto agora como mais tarde!

SALAZAR.

Esta sala não é logar de moleques. Saia !

GUSTAVO, *erguendo-se a custo.*

Sahirei... Antes, porém, ha de ouvir-me . .

SALAZAR.

Não discuto com os filhos dos meus escravos !

GUSTAVO, *com calma terrivel.*

Sou filho do seu escravo, sim, e nem por isso me julgo mais desprezível do que quando suppunha ser seu filho, percebe? A febre escaldame... o delirio faz-me ver a nua verdade das coisas... Ouça-me... (*Segurando-o.*) Desde o momento em que soube que me corria nas veias o sangue de um escravo, senti que este sangue vinha, não deturpar ou deshonrar, mas

sim tonificar o meu organismo, corrompido pela educação que o senhor me deu! Agora, ao menos, tenho no coração um sentimento, coisa que só de nome conhecia... Dinheiro! estolidez! vícios! crueldades! insolencia! bestialidade! eis tudo quanto eu sabia do mundo. E foi o senhor quem m'o ensinou! Percebe?

SALAZAR.

Já dis e que não discuto com um negro!...

GUSTAVO.

Negro, sim! Sou da raça escravizada! Sinto as faces abrasadas pelo sangue ardente dos filhos do deserto, que os seus predecessores algemaram á traição para virem com elles poluir o seio virgem das florestas americanas! Negro, sim! Sou negro! Estou aqui em sua frente como uma solemne represalia de milhares de desgraçados, cujas lagrimas o têm locupletado. Ah! os senhores pisam a tacões a raça maldita, cospem-lhe na face?! Ella vingase como póde, introduzindo a deshonra no seio de suas familias! (*Cae extenuado e em pranto*) Oh! minha mãe!

SALAZAR.

Não me falle em sua mãe, senhor! si não estivesse louca eu...

SCENA XI

OS MESMOS, SERAFIM, que entra esbaforido,
depois JOSEPHA.

SERAFIM.

Patrão .. patrão. . O Lourenço enforcou-se !

GUSTAVO, *com um grito.*

Enforcou-se ! (*Sae como um louco, mal se podendo suster. Salazar tem um sorriso de satisfação.*)

SERAFIM.

Os negros, ao verem-n'ò morto, revoltam-se e, armados de fouces, perseguem o feitor pelo cafesal a dentro ! Acuda-o !

SALAZAR.

Miseraveis ! (*Agarra n'uma espingarda que está a um canto e sae arrebatadamente.*)

SERAFIM, só.

Escapei de boas ! Qual ! Decidi lamente não me serve o officio ! E' muito perigoso e eu tenho amor á pelle ! Vou fazer-me de novo abolicionista, e voltar ao club Pae Thomaz, para ver si melhora de condição.

JOSEPHA, *entrando com muito medo.*

Sr. Serafim ! Sr. Serafim ! (*Ouve-se fóra vozeria confusa.*) Misericordia ! (*Foge, benzeendo-se.*)

SERAFIM.

Eu aqui não estou seguro ! Vou esconder-me no quarto da velha. (*Sae. Continúa a vozeria.*)

SCENA XII

SALAZAR depois CAROLINA, depois ESCRAVOS,
O DOUTOR.

O ruido cresce e aproxima se. Ouve-se a detonoção de uma espingarda. Salazar entra perseguido e colloca-se contra a porta, que de fóra tentam arrombar.

SALAZAR.

Venham ! Morrerei no meu posto e venderei caro a vida !

CAROLINA, *entrando.*

Não se exponha ! Fuja por alli, meu pae !

SALAZAR, *louco de furor.*

Seu pae ? Eu ! Procure-o no meio desses que me vêm assassinar. Talvez o encontre !

(Arrombam a porta. Entra uma multidão de escravos armados de fouces e machados. Avançam para Salazar. Carolina, interpondo-se, ajoelha.)

CAROLINA, *com lagrimas na voz.*

E' meu pae ! Piedade ! *(Os negros ficam interditos, olham uns para os outros, abatem as armas e retiram-se resmungando, Salazar abraça Carolina e chora.)*

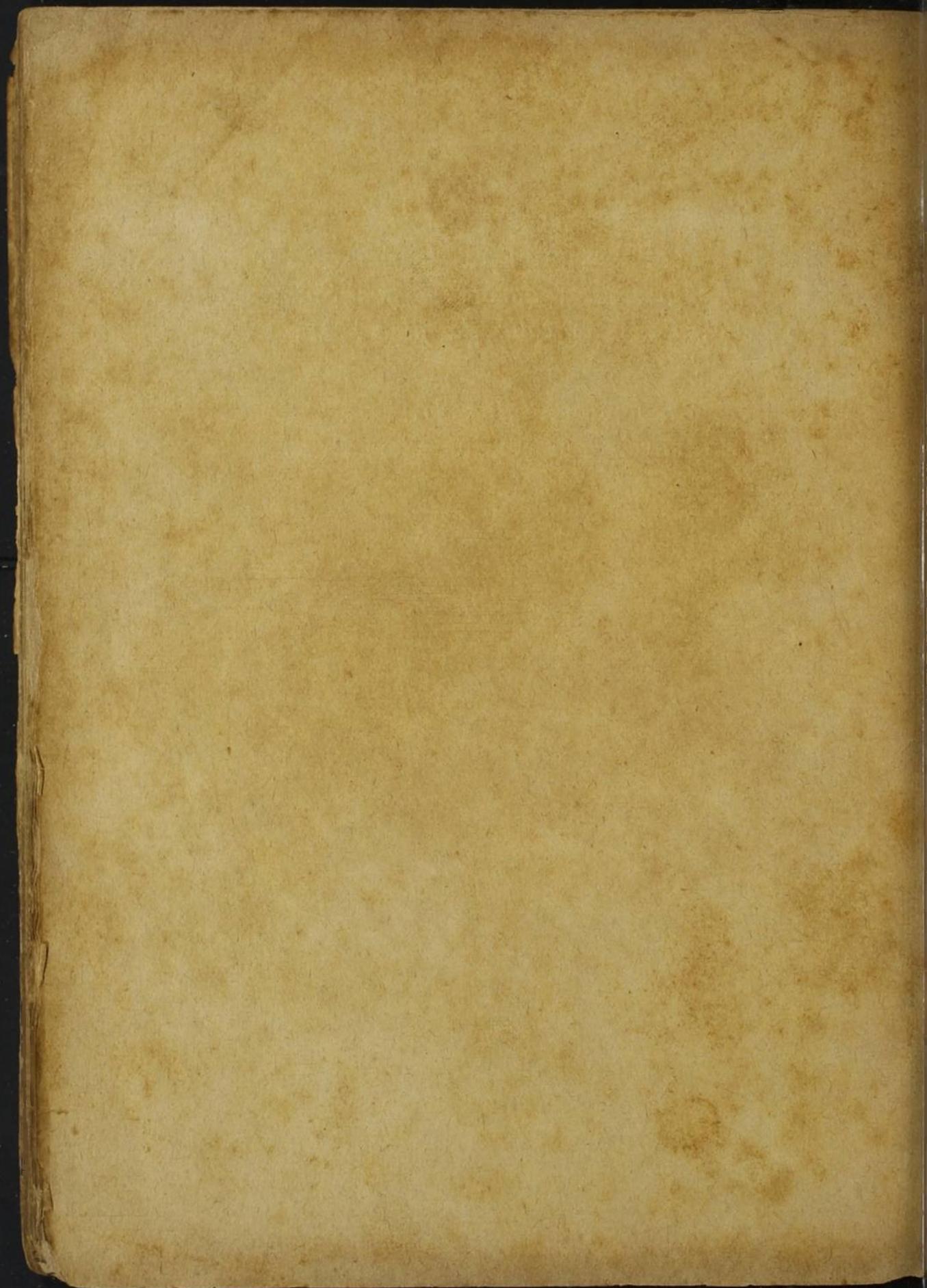
SALAZAR.

São as minhas primeiras lagrimas, Carolina! (*Longa pausa, durante a qual Salazar soluça apoiado ao collo da filha.*) Mas... Gustavo?

DOUTOR, *entrando.*

Fui encontral-o morto, junto ao cadaver de seu pae!





18265

Handwritten scribble or signature